

Patricia Santana

MINHA MÃE É NEGRA SIM!

Ilustrações
Hyvanildo Leite



M
MAZA
edições

Patricia Santana

MINHA MÃE É NEGRA SIM!

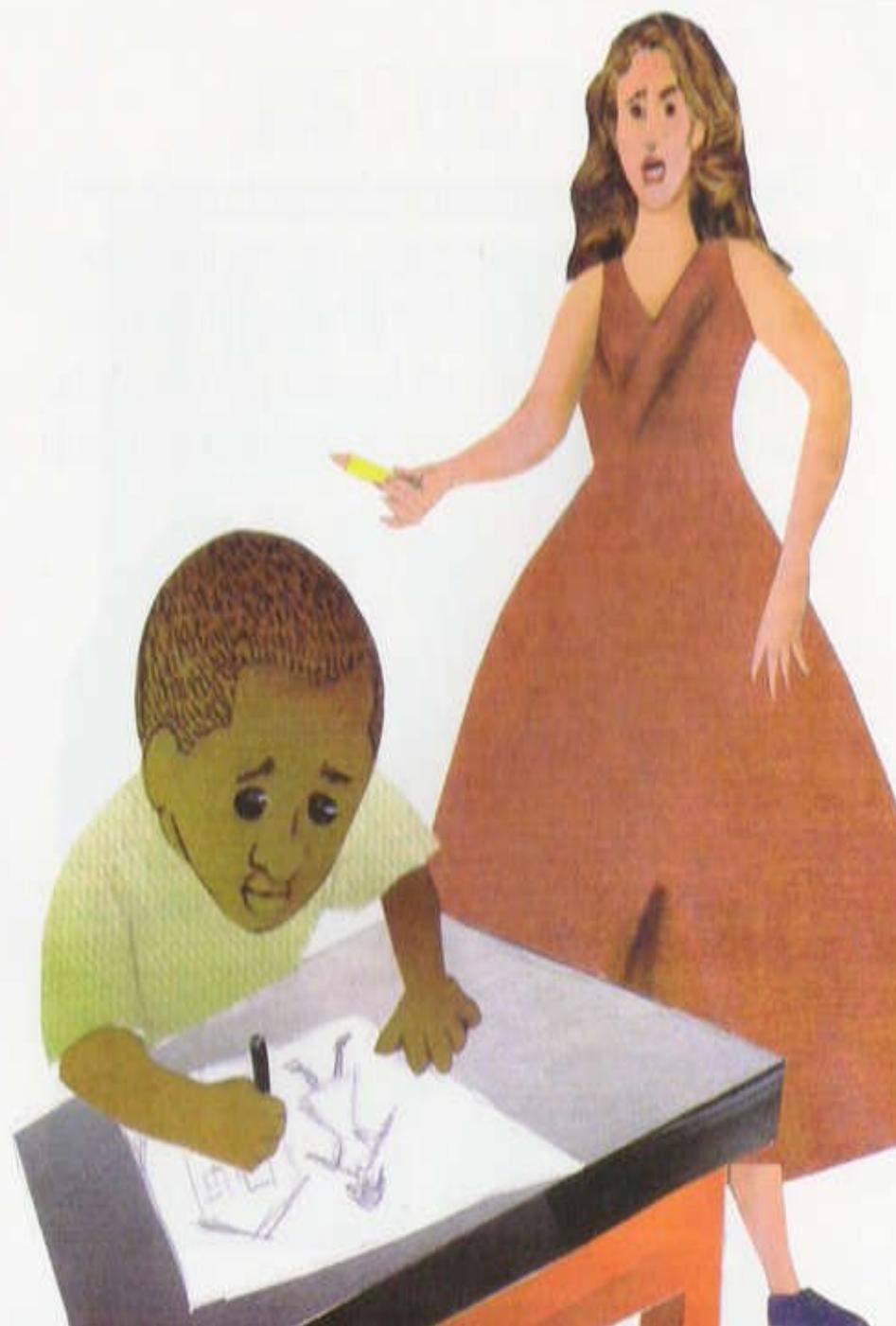


Ilustrações
Hyvanildo Leite

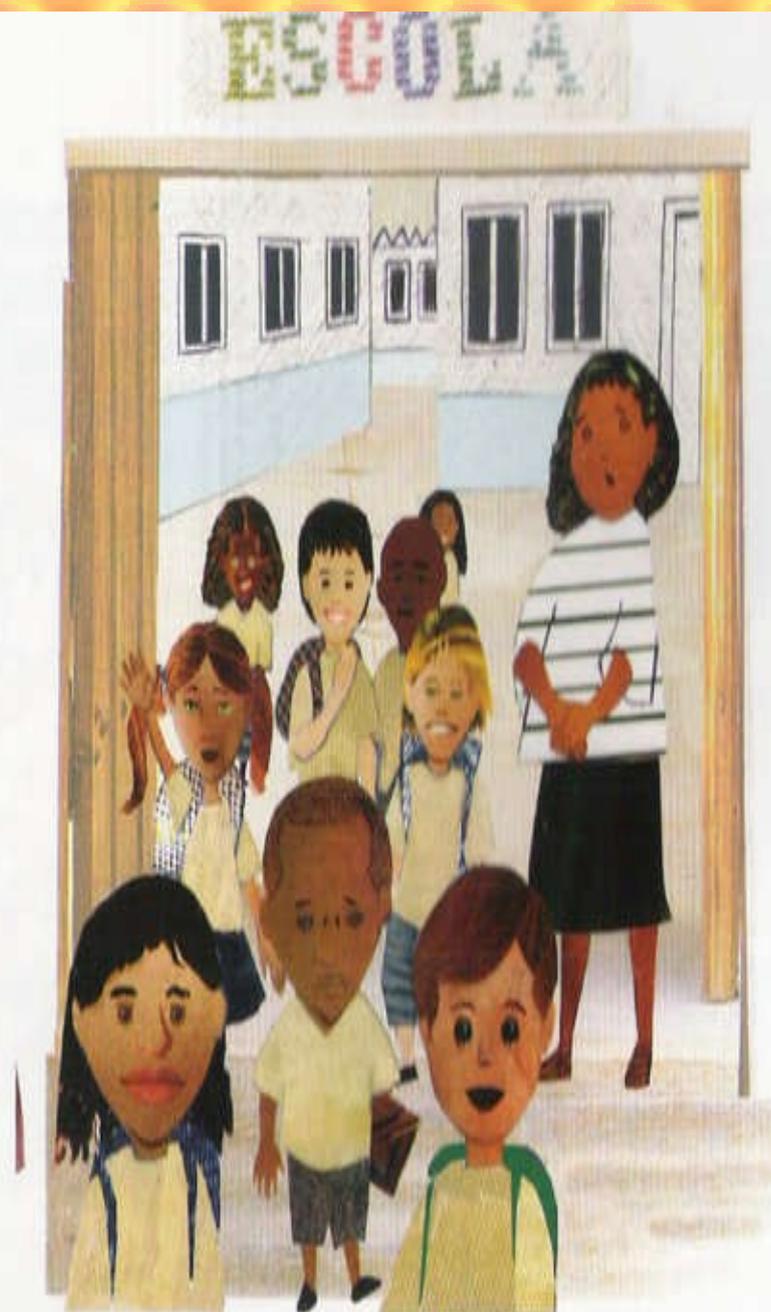
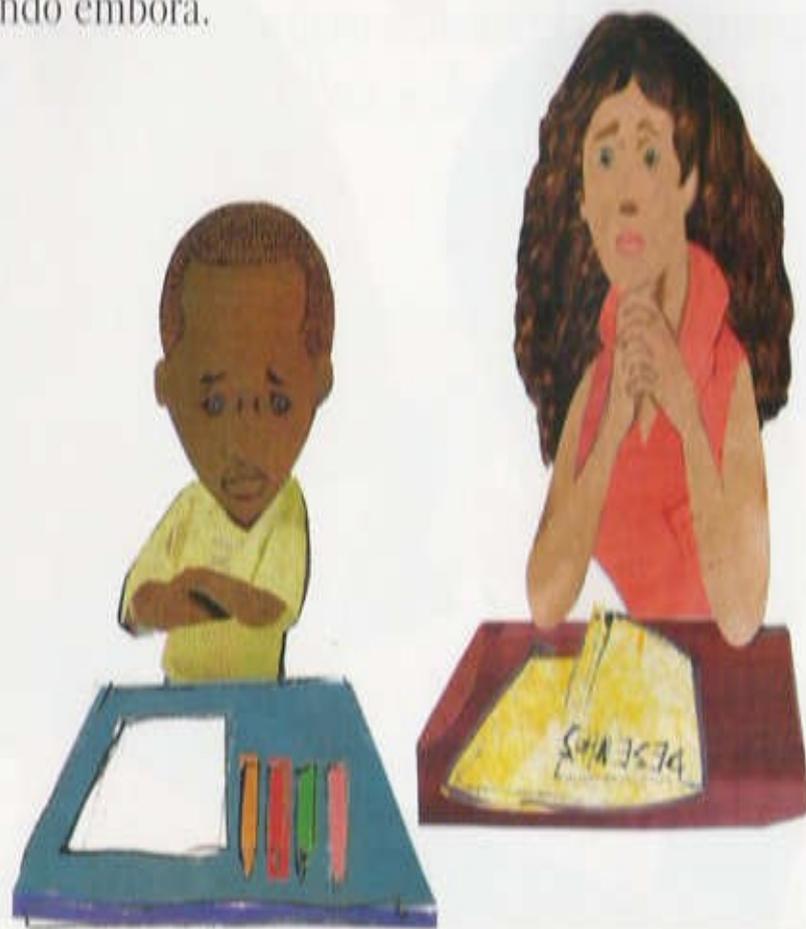
M
MAZA
edições

Desde o dia em que a professora de Artes disse a ele que pintasse sua mãe de amarelo, que ficava mais bonito, Eno ficou entristecido. Uma tristeza fininha que doía e doía, e ele sem saber falar por quê.

Não havia entendido direito o porquê de a professora fazer aquela sugestão, quase exigência, pelo tom e pela dureza de sua fala.



Naquele dia não quis desenhar mais nada nem colorir. A professora esperou por seu desenho, que não veio. Não veio também aquele sorriso largo de todo dia, que ele lançava pra Dona Lia, que ficava no portão vendo as crianças da escola indo embora.



Chegou em casa mudo. Não correu para os braços do pai, que sempre o esperava na hora do almoço.

Correu para o seu cantinho lá no terreiro. Cantinho feito com um monte de caixas de banana que ele pegava no sacolão da sua rua.

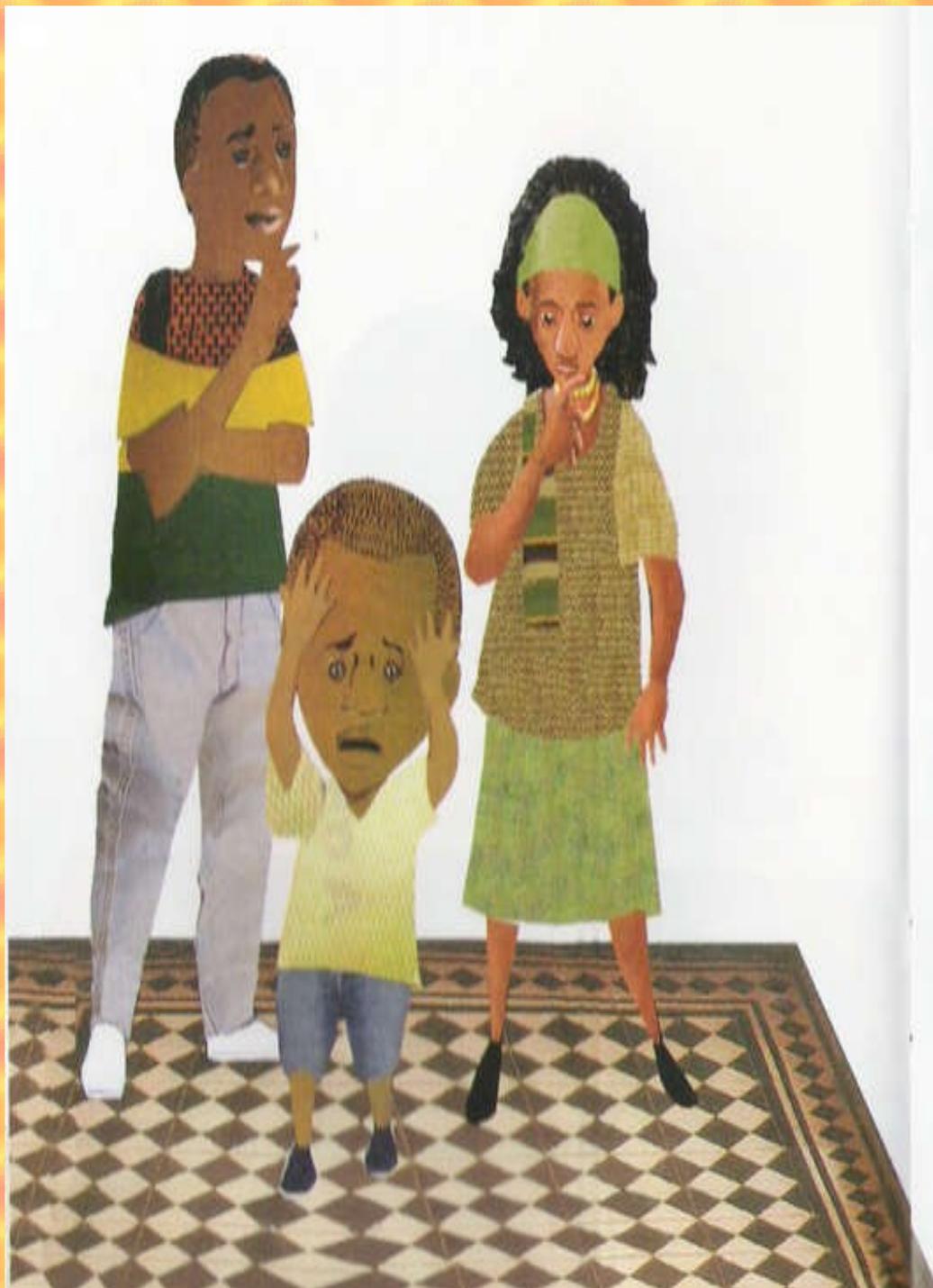


Era um esconderijo de menino. Menina não entrava, adulto também não. Somente os bons amigos e, de vez em quando, seu cachorro viralata Simba.

Nem do Simba queria saber naquele dia.

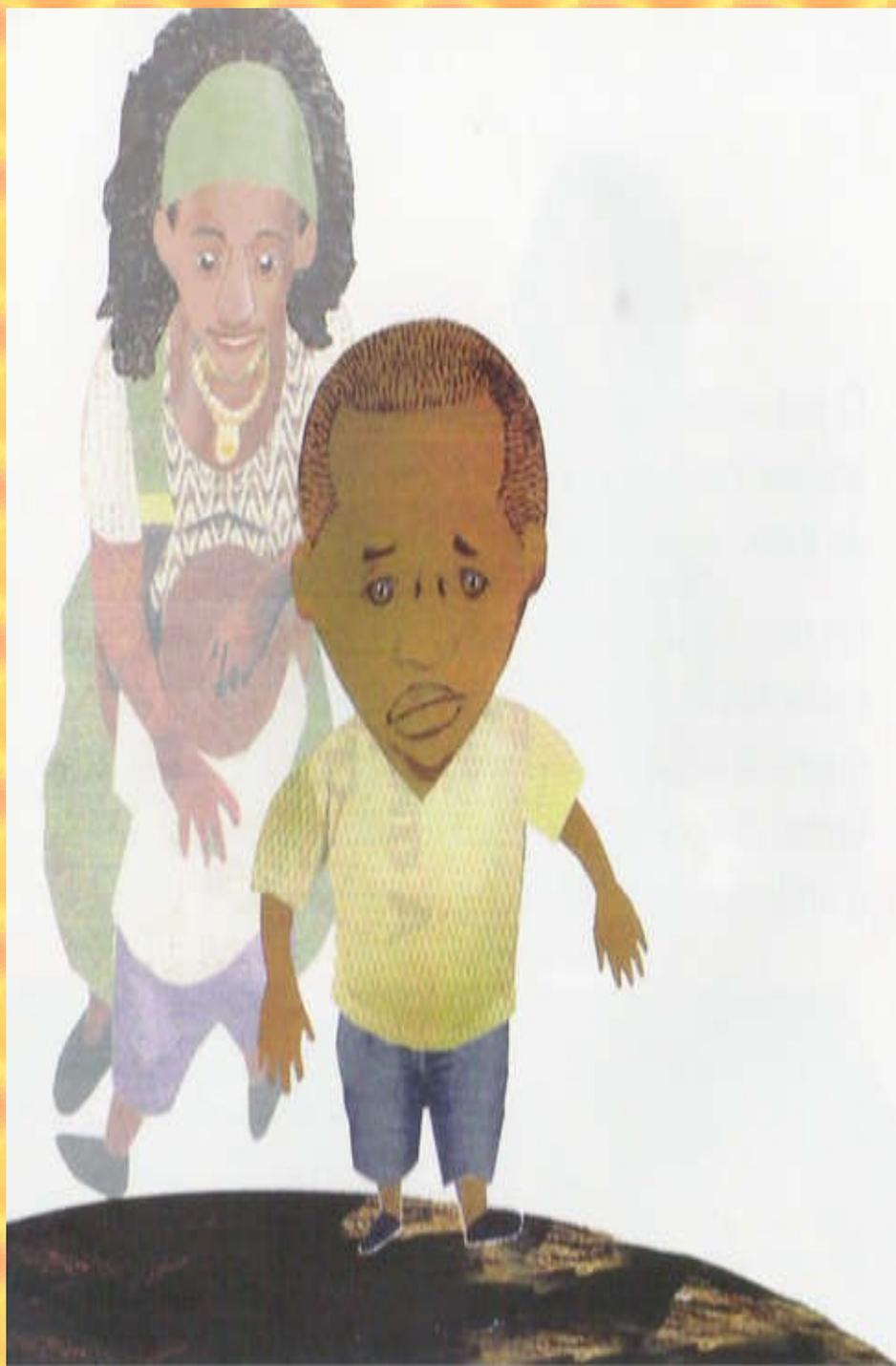
Não comeu o quiabo com angu que seu pai pôs no prato nem aceitou o bocado de paçoca deixado por tia Nini na última visita.





O pai achou tudo esquisito, ia esperar pela mulher para ver se descobriam o motivo do banzo de Eno.

Os dias foram passando, e cada dia pai e mãe estranhavam mais a tristeza do menino. Ele nem queria ir à aula. Um dia inventou dor de cabeça. Outro dia perdeu a hora. No outro apareceu com o uniforme todo molhado de leite.

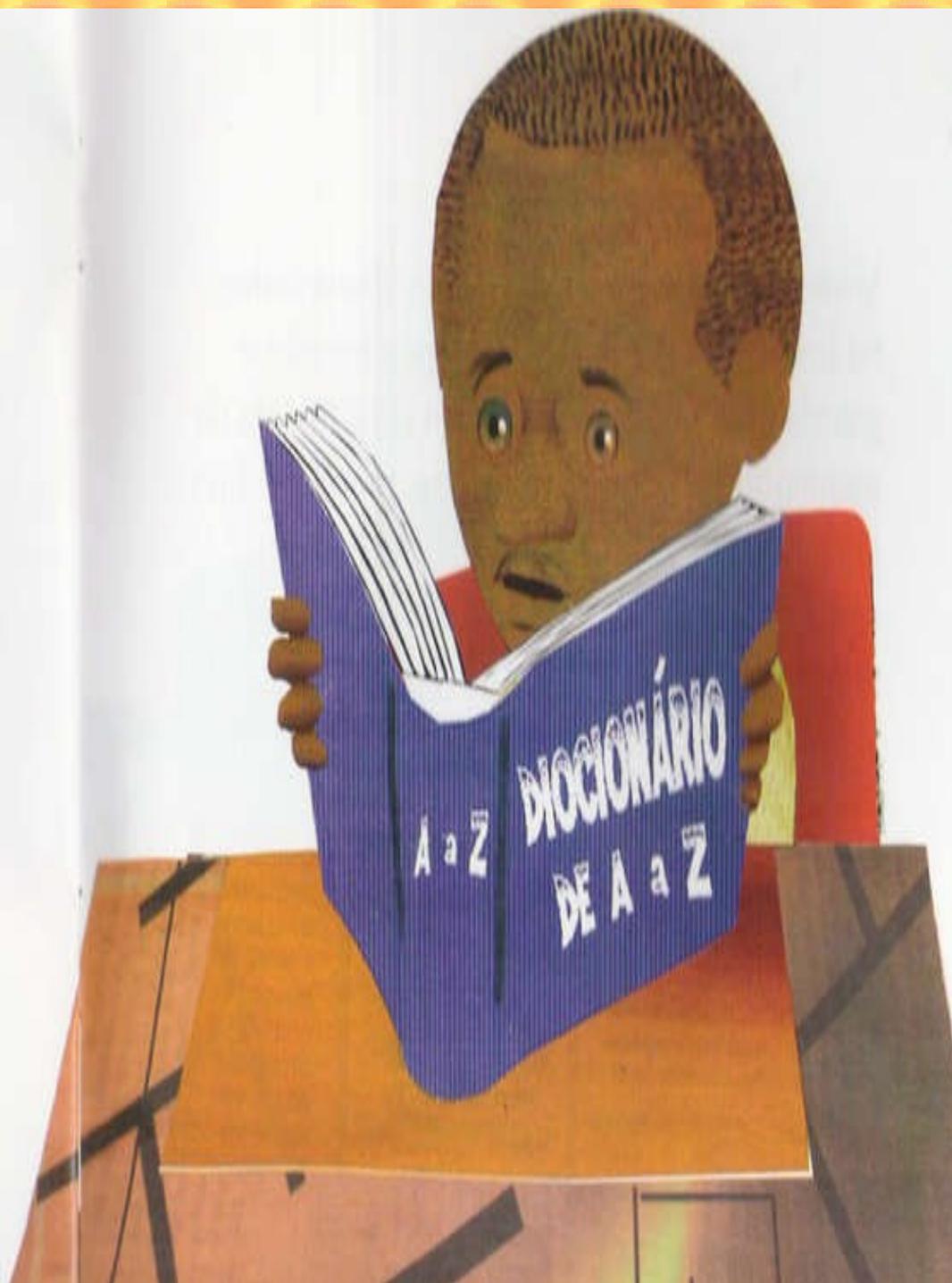


Amuado pelos cantos, Eno pensava no sentido de tudo. E não encontrava respostas. Ele era preto, seu pai e sua mãe também. Por que não podia pintar sua mãe de preto? Já ficava chateado com os apelidos que alguns meninos lhe davam, tudo coisa ou bicho. Mas a professora dizer a ele que pintasse a mãe de amarelo? Era demais!

Depois de uns dias de silêncio, Eno pediu para ir à biblioteca do bairro. Seu pai, satisfeito pela pequenina mudança, deixou.

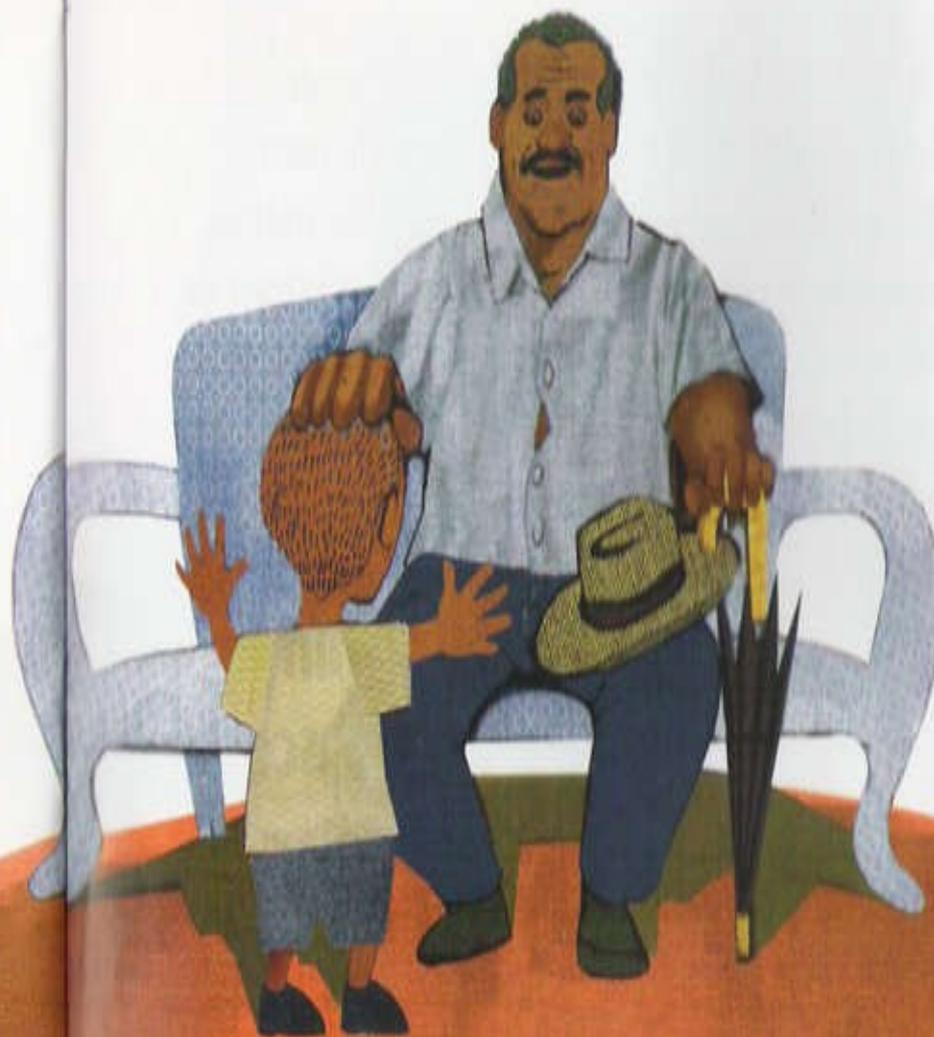
Eno foi direto procurar no dicionário o significado da palavra preto. Lá não viu muita coisa boa, achou de novo tudo muito esquisito.

Voltou para casa triste demais. Queria melhorar, mas não conseguia, ainda mais na quinta-feira, que era dia de seu avô fazer a visita de sempre.

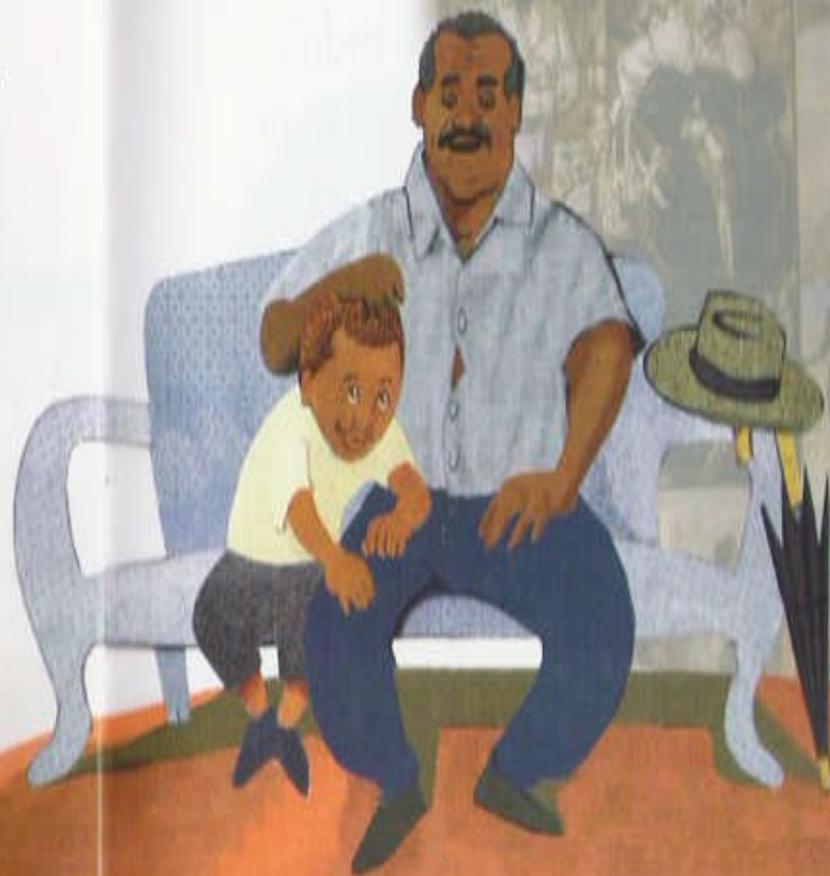


Vovô Damião já estava sentado no banquinho, na frente da casa, com seu chapéu no colo e guarda-chuva do lado. O vô logo viu a tristeza do menino-neto. “Que banzo é esse, menino?” Eno já sabia que banzo era uma tristeza de preto, vinha do tempo da escravidão, a saudade da terra, o medo da solidão em outros mares...

Eno não suportava mais tanto silêncio e resolveu contar ao avô o motivo da agonia.



O avô ouviu tudo, pensou, mastigou vento, coçou a cabeça. E começou. Falava de uma forma que só avô sabe, dando uma aula mansa, contando do tempo antigo, falando das coisas de hoje em dia. Falou de racismo, das dificuldades que as pessoas negras enfrentaram e enfrentam para serem aceitas neste mundo.

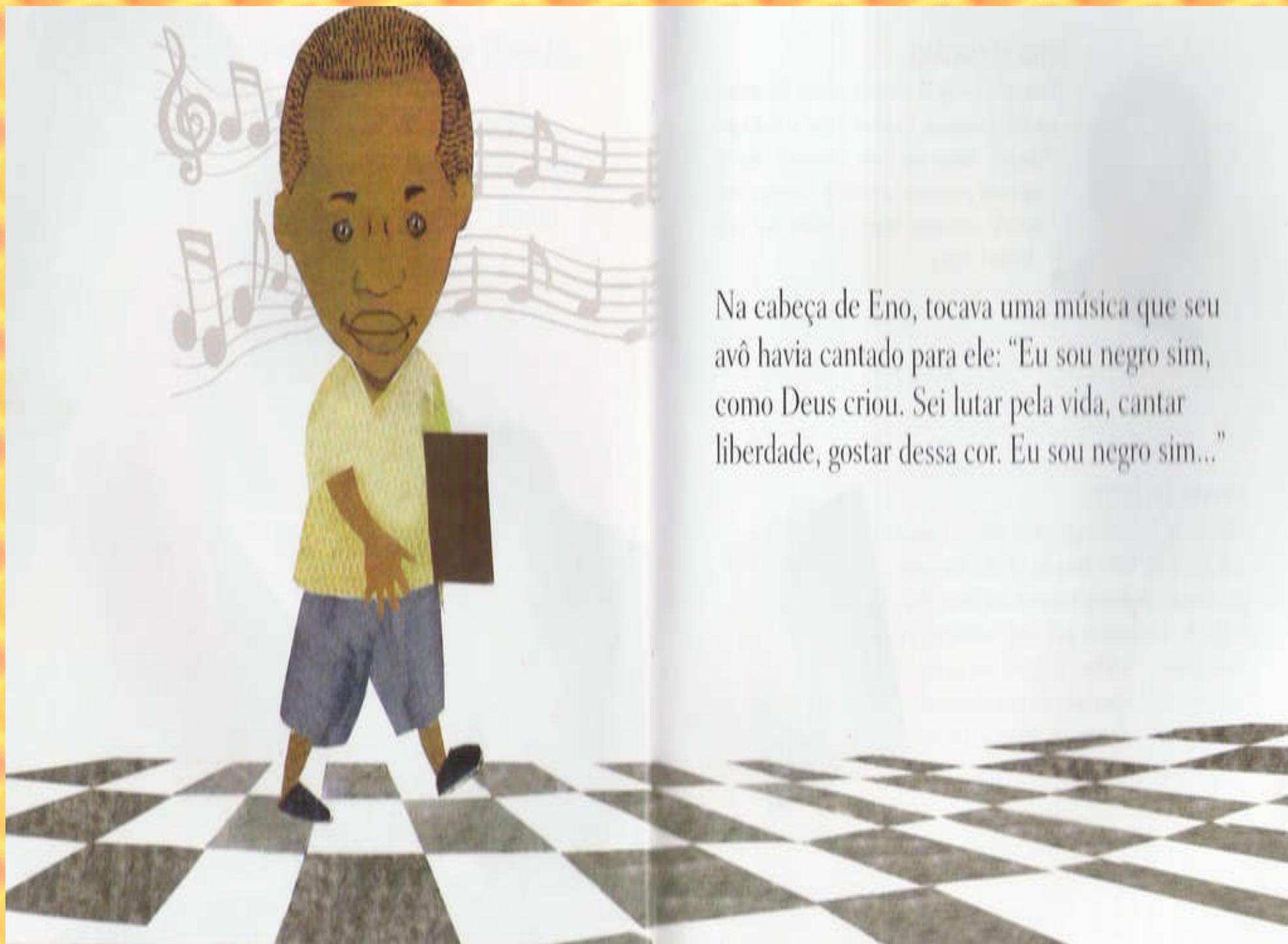


O sorriso voltou ao rosto para presentear Dona Lia.

A professora, no corredor, recebeu o desenho feito com orgulho e dignidade: “Professora, meu desenho de mãe, não pintei de amarelo, pintei de preto em negro como é a minha mãe, como é a jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura. Pinte com a cor de mim mesmo”.

A professora olhou espantada, mas percebeu a seriedade da situação. E Eno completou: “Qualquer dia desses meu vô vem aqui dar aula, pra todos aprenderem sobre a nossa história”.





Na cabeça de Eno, tocava uma música que seu avô havia cantado para ele: “Eu sou negro sim, como Deus criou. Sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar dessa cor. Eu sou negro sim...”



Diretora da Escola Municipal Florestan Fernandes, em Belo Horizonte, e mãe de Vítor e Maíra dos Palmares. Autora dos livros *Professor@s negr@s: trajetórias e travessias* (ensaio) e *Entre meio sem babado* (literatura infantil), publicados pela Mazza Edições.

HYVANILDO LEITE

Mineiro de Teófilo Otoni, artista plástico formado pela Escola de Belas Artes da UFMG. Ilustrador, quadrinista e professor, encontra nos filhos, Davi e Danilo, a inspiração para suas ilustrações e obras plásticas. Sob forte influência dos quadrinhos, suas ilustrações mostram uma linguagem dinâmica que permite ao leitor a rápida compreensão do conteúdo.

